

**Literatura como fonte:
a interpretação do Brasil contida na literatura de periferia dos anos 90**

Luciana Paiva Coronel

Doutora em Literatura Brasileira pela USP e
Professora do Centro Universitário Metodista IPA

Resumo:

Tomar a literatura como fonte histórica requer uma série de cuidados, decorrentes do fato de se estar lidando com uma fonte bastante peculiar, uma fonte simbólica, na qual a História se faz presente por meio da mediação da linguagem criadora da literatura. A opacidade intrínseca à toda obra de arte não pode ser desconsiderada na interpretação da História contida na fonte literária. Este trabalho apresentará a possibilidade de se tomar como documento a literatura produzida por autores como Ferréz e Paulo Lins, cujos textos fornecem uma contundente interpretação dos impasses sociais e culturais presentes no Brasil contemporâneo dos anos 90 até o presente.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, História, periferia.

Abstract:

The understanding of Brazil in the literature of the outskirts in the 1990s. Having literature as historical source requires careful approach due to the peculiarity of the source, that is, its symbolism. History is present in literature through the mediation of literature's language creator. The opacity within any piece of art should be considered when interpreting History from a literary source. This study works on the possibility of taking literature produced by authors like Ferréz and Paulo Lins as documents. The writings of these authors offer thoughts of great impact on Brazilian social and cultural stalemates from the 1990s until now.

Key words: Brazilian literature, History, Outskirts.

“O que é social na obra de arte é a forma.”

Georg Lukács

*“A referência ao social não deve levar para fora da obra de arte,
mas sim levar mais fundo para dentro dela.”*

Theodor Adorno

Entende-se que a literatura constitui uma espécie de consciência social do contexto no qual se origina e com o qual mantém intensas e complexas ligações, que serão únicas em cada obra e constituirão a feição particular de todas elas. Nesse sentido, o texto literário pode ser tomado como fonte de estudo da História, ainda que constitua um tipo especial de fonte, uma fonte na qual a dimensão de artefato artístico, no caso literário, não pode ser deixada de lado. É exatamente por dar forma de uma maneira muito peculiar a questões que provêm da conjuntura maior na qual se insere, que a obra literária finca suas raízes no solo da História.

Não se trata, por isso, de buscar informações históricas no tecido textual das obras. Este ponto de vista, que se pode qualificar de paralelístico, consiste essencialmente em mostrar, de um lado, os aspectos sociais, e de outro, a sua ocorrência nas obras, sem chegar ao conhecimento de uma efetiva interpenetração.

Trata-se muito mais de atentar para a maneira pela qual cada obra dá forma e representa os dilemas historicamente postos no tempo em que surge. Trata-se de tomar o texto literário “na condição de entidade mediadora, isto é, valendo não por si (ou não apenas em si), mas enquanto domínio de projeção do espaço social que o engloba.”¹

Muitas são as concepções teóricas que visam a explicação das relações existentes entre a as áreas da Literatura e a História. Estas, abarcadas sob a designação de *crítica sociológica* da literatura, têm por meta iluminar a presença da história no interior da literatura e, de outra parte, situar a literatura no interior do cenário histórico mais amplo.

Se História e Literatura têm incontestáveis vínculos, a maneira pela qual tal relação se

1 REIS, Carlos. *O discurso ideológico do neo-realismo português*. Coimbra: Almedina, 1983, p.290.

estabelece deve ser investigada, pois é na trama do texto que a mesma se evidencia. A forma e o conteúdo literários devem ser tomados como elementos indissociáveis, em cuja unidade reside não apenas a singularidade das obras, como também a singular forma de representar a história que cada uma delas apresenta.

O problema fundamental para a análise literária de grande número de obras é, segundo Antonio Candido, “averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce.”²

Só através do estudo formal, portanto, é possível apreender convenientemente os aspectos sociais. Hoje entende-se que a integridade da obra não permite adotar visões dissociadas, pretendendo que o valor de uma obra esteja predominantemente em seu conteúdo ou em sua forma. Diz a esse respeito Antonio Candido no clássico *Literatura e sociedade*:

Só a podemos entender [a obra] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatos externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos ainda que o externo, no caso o social, importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.³

Ainda que o método paralelístico possa ser legítimo quando se trata de meramente ilustrar através da representação literária certos usos e procedimentos de época, é preciso reconhecer que não se estará entrando no mérito do valor da obra, e sim usando-a como ferramenta ilustrativa do processo histórico, o que implica em desconsiderar o valor estético. E este é, não resta dúvida, fundamental para o significado da obra.

2 CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9.ed. RJ: ouro sobre azul, 2006, p. 9.

3 Idem ibidem, p. 13.

Os tipos mais comuns de estudo de tipo sociológico em literatura são, de uma parte, trabalhos que procuram relacionar o conjunto de uma literatura, um período, um gênero com as condições sociais. Este método tradicional foi esboçado no século XVIII por Taine e no Brasil representado por Silvio Romero. Trata-se de delinear uma espécie de panorama das épocas, nem sempre apontando com felicidade a efetiva ligação entre as condições sociais e as obras.

De outra parte, há estudos que procuram verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade, descrevendo os seus aspectos, estabelecendo correlações entre aspectos reais e temas dos livros. Também ocorrem estudos puramente sociológicos, consistindo no estudo do autor e seu público. O estudo da posição e função social do escritor, procurando relacionar isso com a natureza de sua produção e ambas com a organização da sociedade é também um veio de trabalho de pesquisa envolvendo os dois âmbitos. É possível ainda investigar a função política das obras e dos autores em geral, com intuito ideológico bem marcado.

Outro tipo bem específico de estudo seriam aqueles sobre as origens da literatura em geral e dos gêneros em particular. Em todas essas propostas temos um deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou para a sua função na sociedade.

O primeiro passo para um uso bem-sucedido da literatura como fonte histórica é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a *mimese* é sempre uma forma de *poiese*.

Assim como os sociólogos, também os psicólogos manifestam às vezes intuítos imperialistas, tentando explicar apenas com os recursos de suas disciplinas a totalidade do fenômeno artístico, derivando de tal atitude simplismos, reduções esquemáticas como meio, raça, etc.

Não devemos esquecer que a sociologia não passa de ciência auxiliar; não pretende

explicar o fenômeno literário, mas apenas esclarecer alguns de seus aspectos. Neste ponto, surge uma pergunta: qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? E ainda: Qual a influência da obra sobre o meio? Assim podemos chegar mais perto de uma interpretação dialética, superando o caráter mecanicista de muitas repostas.

Algumas das tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte plasma o seu meio, cria o seu público, agindo em sentido inverso ao das influências externas. Estes estudos têm como foco a influência da obra sobre o meio.

Dizer que a arte exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo. Na prática, chegou-se à posição pouco fecunda de avaliar em que medida certa forma de arte ou certa obra corresponde à realidade. E pululam análises superficiais, que tentavam explicar a arte na medida em que ela descreve os modos de vida e interesses de tal classe ou grupo.

Para o historiador interessado em pesquisar a Literatura como fonte, cabe mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende do meio histórico e age sobre este meio. Para ele interessa principalmente analisar os tipos de relações e os fatos estruturais ligados à vida artística, como causa ou consequência.

Desta maneira, sua primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. Estes fatores ligam-se à estrutura social (que define a posição social do artista), aos valores e ideologias (que definem a forma e o conteúdo da obra), às técnicas de comunicação (que definem a fatura e a transmissão da obra).

A dinâmica social das obras pode ser descrita em linhas gerais como de agregação ou de desagregação. A primeira se inspira principalmente na experiência coletiva e visa a meios comunicativos acessíveis. Procura, neste sentido, incorporar-se a um sistema simbólico vigente, utilizando o que já está estabelecido como forma de expressão de determinada sociedade.

Já a literatura de desagregação preocupa-se em renovar o sistema simbólico, criar novos recursos expressivos e, para isto, dirige-se a um número ao menos inicialmente

reduzido de receptores, que se destacam, enquanto tais, da sociedade. Na verdade, não se trata de dois tipos, mas de aspectos constantes de toda obra, ocorrendo em proporção variável segundo o jogo dialético entre a expressão grupal e as características individuais do artista. A predominância de um ou outro se dá segundo a intenção de integração ou diferenciação.

A primeira quer acentuar a participação nos valores comuns da sociedade. A segunda, acentuar as peculiaridades, as diferenças existentes entre os indivíduos. São processos complementares de que depende a socialização do homem. A literatura de periferia que adquire notoriedade a partir com anos 90 com a publicação de *Cidade de Deus*, de Paulo Lins apresenta as duas dinâmicas em seu interior: em primeiro lugar, a vinculação muito marcada com os valores da comunidade das regiões mais periféricas das grandes cidades brasileiras.

Por outro lado, esta literatura, cujo desdobramento se dá com as publicações de Ferréz, morador e ativista cultural da favela Capão Redondo, sobretudo com *Capão pecado*, de 2005, procura estabelecer um contraponto muito nítido em relação ao padrão cultural hegemônico da cultura de massa, buscando assim ensejar em termos literários uma certa rebeldia que se manifesta sobretudo no teor “sujo” de sua linguagem, repleta de gírias, palavrões e palavras de baixo calão.

Até que ponto esta produção cultural consegue manter-se refratária à dinâmica mercantil do sistema editorial constituído, preservando seus vínculos essenciais com a cultura que é produzida para a construção da identidade dos grupos marginalizados, é uma questão importante de ser colocada. Na linha do grupo de *rap Racionais Mcs*, que recusam-se a participar dos programas de televisão e principalmente da Rede Globo, há autores que buscam preservar-se do contato da mídia, entendido como deformador e diluidor do teor ideológico da proposta.

Por outro lado, há autores que pensam ser importante o diálogo com os meios de comunicação, tendo em vista a necessidade de divulgação de seus trabalhos. Um uso estratégico, e mesmo pragmático dos veículos da cultura de massa, com vistas a alcançar o público é a pretensão destes.

Até que ponto é possível manter-se fora do circuito convencional de divulgação de obras é algo a ser pensado. A mídia, sempre sedenta de novas formas com que reproduzir seu padrão habitual de apresentação da cultura no país, parece ter percebido os ganhos econômicos que a cultura com a cara da periferia é capaz de gerar.

Assim, na esteira de *Cidade de Deus*, livro *best-seller* que gerou filme ainda mais conhecido, percebe-se nitidamente o interesse da televisão em particular e dos meios de comunicação em geral para pegar carona nesta onda e nestes lucros. Programas produzidos em favelas, entrevistas com moradores, séries com apresentação de *hip-hop*, *funk* e outras formas de cultura produzida pelos moradores das vilas pululam na programação inclusive em horários considerados nobres.

É da dinâmica do capitalismo tardio converter a cultura em mercadoria embalada para o consumo inofensivo. Para Fredric Jameson as manifestações culturais contemporâneas devem ser investigadas “não só como veículos para um novo tipo de hegemonia ideológica, a que é funcional para o novo estágio do capital globalizado, mas também como configurações que permitem ao crítico de cultura destrinchar os germes de novas formas de coletivo até hoje quase impensáveis.”⁴

Analisar a literatura de autores como Férrez e Paulo Lins pode auxiliar na tarefa referida pelo crítico norte-americano, ampliando nossa compreensão dos dilemas sociais, econômicos e políticos do país. A forma dessa produção literária, que se aproxima da desliterarização do texto, contribui para explicitar que a época da cordialidade, de que tratou Sérgio Buarque de Holanda, não mais vigora no tecido social brasileiro.

Rompendo com todas as possibilidades de convívio harmônico dentro da desigualdade, a voz dos autores da periferia agride e acusa: não há possibilidade de inocência, todos pactuamos com o atual estado de coisas. Onde leva esta literatura ainda não se sabe. mas pode-se afirmar por ora que o cenário cultural não mais será o mesmo depois que a periferia invadiu a cena cultural brasileira nos anos 90, com seu linguagem, suas gíria, sua

4 JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo; Ática, 1997.1997, p. 7.

violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9.ed. RJ: Ouro sobre azul, 2006.
2. FERRÉZ. *Capão pecado*. São Paulo: Labortexto, 2000.
3. JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo; Ática, 1997.
4. LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- REIS, Carlos. *O discurso ideológico do neo-realismo português*. Coimbra: Almedina, 1983.
5. REIS, Carlos. *O discurso ideológico do neo-realismo português*. Coimbra: Almedina, 1983.